

“A arquitetura de Lelé: fábrica e invenção”

MANUEL ALVES FERNANDES
DA REDAÇÃO

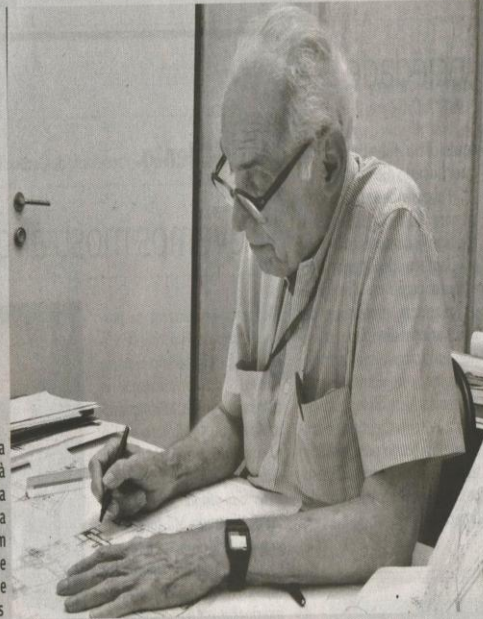
“A arquitetura de Lelé: fábrica e invenção”. O título da exposição aberta do público no Museu da Casa Brasileira (Avenida Faria Lima, 2.705, em São Paulo) pode parecer, para quem não conhece a história de João da Gama Filgueiras Lima, a propaganda de uma peça teatral ou de um livro de histórias infantis. Mas, a mostra revela a capacidade de um arquiteto que sempre apresentou técnicas inovadoras para a industrialização da arquitetura brasileira (veja página 1).

Exibe maquetes, fotografias, desenhos, filmes e animações em vídeo de um arquiteto comprometido com uma visão integral da arquitetura, diretamente ligada ao canteiro de obras e resultante da atuação interdisciplinar entre as equipes técnicas envolvidas nas etapas de construção.

João da Gama Filgueiras Lima nasceu em 10 de janeiro de 1932, no Rio de Janeiro. Na juventude estudou piano e flauta, e tocou acordeão numa banda. Com aptidão para o desenho, entrou para a Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro em 1951 (atual UFRJ), onde se formaria arquiteto em 1957.

Na faculdade, conhece Oscar Niemeyer e foi o primeiro arquiteto convidado por ele para trabalhar na concepção de Brasília. Casou-se em 1960 e

Lelé, uma vida voltada à criatividade na arquitetura brasileira, com uso do aço e construção de hospitais



hoje vive em Salvador, onde fica o Instituto Brasileiro de Tecnologia do Habitat, que preside desde 2009.

O instituto desenvolve, em convênio com o Governo da Bahia, pesquisas no campo da construção civil e implantação de técnicas no setor da construção social. Segundo seus biógrafos (entre estes Sérgio Ekerman), com 78 anos e mais de 50 anos de uma carreira iniciada ao lado de Os-

car Niemeyer e Darcy Ribeiro, nos canteiros de obras de Brasília, Lelé foi um dos que mais longe levou as propostas do Movimento Moderno.

Ganhou o apelido de Lelé no final da adolescência, quando jogava bola na posição de meia direita, a mesma de Manuel Peçanha. Conhecido como Lelé, Peçanha tinha um chute potente e formou, juntamente com Isaias e Jair Rosa Pinto, um trio atacante apelido

de Os Três Patetas.

Torcedor do Vasco, João Filgueiras Lima foi levando o apelido vida afora. Influenciado por Oscar Niemeyer e Nauro Esteves, logo que se formou Lelé mudou para o planalto central em 1957, para ajudar a construir Brasília.

A necessidade de racionalização na construção de Brasília despertou nele o interesse pelo concreto armado, levando-o ao Leste Europeu para

Perfil

Formação: arquiteto pela Escola de Belas Artes da Universidade do Brasil (atual UFRJ)

Cargo: presidente do Instituto Brasileiro de Tecnologia Habitat, na Bahia.

Lazer: ex-jogador de futebol e músico, torcedor do Vasco

conhecer as tecnologias dos pré-fabricados aplicadas na União Soviética, Tchecoslováquia e Polônia, nos anos 1960.

A obra arquitetônica de Lelé caracteriza-se especialmente pela busca da racionalização e da industrialização da arquitetura, utilizando argamassa armada e aço.

Além dos hospitais de Rede Sarah, destacam-se também em sua obra os projetos do Palácio Tomé de Sousa, sede provisória da Prefeitura de Salvador (a qual, apesar de ter sido construída na década de 1980, é usada até hoje) e o Centro Administrativo da Bahia.

“Apresentar a obra de Lelé é fundamental para o Museu da Casa Brasileira como instituição que se dedica às questões da arquitetura e do design, inerentes à construção do nosso habitat”, afirma Giancarlo Latorraca, um dos curadores da

mostra, diretor Técnico do Museu da Casa Brasileira e organizador do livro João Filgueiras Lima - Lelé, publicado em Lisboa (Editorial Blau/ Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 2000).

“Seu apuro técnico e grande inventividade, ao propor soluções que evidenciam a possibilidade de melhoria da qualidade de vida através da arquitetura produzida em larga escala, pode atender às demandas de construção de infraestrutura coletiva nas dimensões do nosso País”, assinala.

A curadoria principal é de Max Risselada, da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Tecnologia de Delft, Holanda. Em destaque na mostra os sistemas e tecnologias desenvolvidos para a construção de passarelas que marcam a paisagem de Salvador, hospitais e centros de reabilitação do aparelho locomotor e a sede em várias cidades do Tribunal de Contas da União.

Professor da engenharia da Universidade de Brasília, Lelé foi demitido em 1965 por causa de suas posições políticas. Hoje é professor honoris causa dessa universidade. “Com 75 anos, só me sinto realizado profissionalmente quando estou trabalhando como construtor”, confessou a Adriano Carneiro de Mendonça, em entrevista concedida em 18 de janeiro de 2007.